



Esta obra possui uma Licença

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/18261>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.18261>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 11-17



DEMOCRACIAS ROUBADAS: REFLEXÕES SOBRE AS LUTAS CONTRA AS DITADURAS E A RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

STOLEN DEMOCRACIES: REFLECTIONS ON THE STRUGGLES AGAINST DICTATORSHIPS AND RESISTANCE IN LATIN AMERICA

Augusto SARMENTO-PANTOJA¹  

Universidade Federal do Pará – UFPA (Brasil)

Gonzalo Leiva QUIJADA²  

Universidade Adolfo Ibañez – UAI (Chile)

Rubén CHABABO³  

Universidad Nacional de Rosario – UNR (Argentina)

Resumo: Quando pensamos na América Latina nos deparamos com inúmeras transformações, muitas delas impostas pelo surgimento e desenvolvimento de regimes autoritários, responsáveis por perseguições políticas em diversas áreas, mas também pelo desenvolvimento de muitas formas de luta e resistência contra essas arbitrariedades do autoritarismo. e a violência responsável pelo ataque às democracias na América Latina. O ano de 2024 é um marco nas lutas contra a negação da memória da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), mas também o tomamos como ponto de reflexão para pensar outras ditaduras na América Latina. Atualmente, tivemos outras representações do autoritarismo estatal e de governos ditatoriais na América Latina, num jogo de narrativas, que elevou a extrema direita ao poder, em vários desses países, evocando a memória das ditaduras civis-militares na América Latina e em vários outros países ao redor do mundo.

Palavras-chave: Democracia. Ditaduras. Memórias. América Latina.

Abstract: *When we think about Latin America we are faced with countless transformations, many of the imposts due to the emergence and development of authoritarian regimes, responsible for political persecutions in various areas, but also due to the development of many forms of struggle and resistance against these arbitrarinesses of authoritarianism. and responsible violence for attacks on democracies in Latin America. The year 2024 is a framework in the fight against the denial of the memory of the Brazilian civil-military situation (1964-1985), but we also take it as a point of reflection to think about other situations in Latin America. Currently, we have other representations of state authoritarianism and dictatorial governments in Latin America, a set of narratives, which elevate the extreme direction of power, in several of these countries, evoking memory the civil-military dictatorships in Latin America and in several other countries around the world.*

Keywords: *Democracy. Dictatorships. Memories. Latin America.*

¹ Doutor em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado em Estudos Comparatistas pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Docente de Literatura da Universidade Federal do Pará. Coordena os grupos de pesquisa Estudos de Narrativas de Resistência (Narrares) e o Grupo Estéticas, performances e hibridismos (ESPERHI). Bolsista Pós-doutorado Sênior – PDS, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. *E-mail:* augustos@ufpa.br

² Doutor em História e Civilizações na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Pós-Doutorado na Universidade de New York (UNY). Docente de Filosofia e Estética da Universidade Adolfo Ibañez (UAI) . *E-mail:* gleivac@gmail.com

³ Doutor em Letras pela Universidad Nacional de Rosario (UNR). Professor de Literatura na Universidad Nacional de Rosario, onde ministra o Seminário anual sobre Memória e Direitos Humanos. É professor e membro do Conselho Acadêmico do Programa de Mestrado em Estudos Culturais da Universidad Nacional de Rosario *E-mail:* rubenchababo@gmail.com

APRESENTAÇÃO

A memória não se acumula sobre outra. A recente não é resgatada antes da milésima. Que não fica esquecida sob o peso das novidades, do presente. O passado interage com o segundo vivido, que já ficou para trás, virou memória recente. Memórias se embaralham. (Paiva, 2015, p. 141)⁴

Quando decidimos criar o dossiê “Democracias roubadas: reflexões sobre as lutas contra as ditaduras e as resistências na América Latina”, estávamos movido pela luta em torno da memória por conta dos 60 anos do início da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), que diante das recentes ameaças contra a democracia brasileira, ficava latente que essa data não poderia passar, sem que houvesse um intenso trabalho de memória, para deixar evidente o descontentamento com o autoritarismo de estado daquela época, mas também com a recente história de tentativas de golpe de estado e do crescimento de governos de extrema direita na América Latina e ao redor do mundo.

Nos séculos XX e XXI nos deparamos com inúmeras situações em que o autoritarismo tem se imposto sobre as populações latino-americanas e a fragilidade observada nos projetos de política de memória em relação ao período ditatoriais e autoritários, quando existem, levaram a crescente ameaça de retorno de governos autoritários, que negam a existência das ditaduras.

12

Por isso, precisamos pensar a América Latina a partir desse complexo problema de fragilização das memórias, pois temos clareza de que essas transformações são resultado de uma ampla disputa de narrativas e ideologias, em grande parte, provocadas e impostas pelo surgimento e desenvolvimento de regimes autoritários. Essa forma de governança, marcada principalmente, por perseguições políticas em diversas áreas, em especial na cultura, na arte e nos movimentos sociais organizados.

De outro modo, em oposição a essas formas autoritárias também surgem inúmeras formas de luta contra esses autoritarismos, visibilizadas como formas de resistência contra as arbitrariedades dos estados autoritários e as violências por eles fomentadas, que tem assolado a América Latina com intensos ataques aos estados democráticos de direito.

A epígrafe que abre este texto é do livro se refere a paulatina e cruel perda da memória movida pelo Alzheimer, da matriarca do romance-testemunho “Ainda estou aqui”, de Marcelo Rubens Paiva, que recentemente chegou às telas dos cinemas. Eunice Paiva, tem sua história de sobrevivência e de dedicação por provar e responsabilizar o estado brasileiro, pelo sequestro, tortura e assassinato de seu marido, durante à ditadura brasileira, o engenheiro e ex-deputado federal Rubens Paiva, uma narrativa

⁴ PAIVA, Marcelo Rubens. Ainda estou aqui. São Paulo: Alfaguara, 2015.

repleta de sensibilidade, que passa pela militância de Eunice, pelos direitos indígenas e termina com o reconhecimento do estado dos crimes praticados, mas nessa altura, Eunice está mergulhada em mundo de esquecimento, por conta do Alzheimer. A frase “A memória não se acumula sobre a outra”, nos alerta para que tenhamos em vista que é fundamental que possamos ter em mente a necessidade de trazer à tona, sempre que necessário as memórias de um passado, em especial aqueles que nos provocam revolta, por sua insuportabilidade e incomensurabilidade. As ditaduras na América Latina, não podem ficar no esquecimento. Os efeitos nefastos sobre suas populações são evidentes e devem ser lembrados para que busquemos alertar às gerações presentes dos perigos dos discursos totalitários e autoritários.

O ano de 2024 é um marco nas lutas contra a negação da memória da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), mas também se tornou um importante ponto de reflexão para pensar inúmeros conflitos ou ditaduras em outras partes do mundo, em especial na América Latina, como fora as promovidas na Argentina (1966-1973; e 1976-1983), Chile (1973-1990), Uruguai (1973-1985), Paraguai (1954-1989), Peru (1968-1980), Bolívia (1964-1982), Equador (1972-1979), República Dominicana (1966-1978), Guatemala (1954-1993), Honduras (1963-1971), El Salvador (1931-1979).

A instabilidade política e econômica fomentada pela Guerra Fria (Capitalistas x Socialistas) produzirá os primeiros conflitos na região em Cuba (1959); na Colômbia (1964), na Nicarágua (1979), na Venezuela (1958). Atualmente, tivemos outras representações do autoritarismo estatal e de governos ditatoriais na América Latina, num jogo de narrativas, que possibilitou a ascensão da extrema direita ao poder, em vários desses países, evocando a memória das ditaduras civis-militares na América Latina e em vários outros países ao redor do mundo. Bem como os regimes autoritários de esquerda observados em Cuba, Nicarágua e Venezuela. Portanto, este dossiê objetivou receber pesquisas nas áreas de humanas, letras e artes, com textos que refletissem sobre as diversas formas de assalto à democracia na América Latina, pondo em evidência diferentes formas de lutas e resistências.

O primeiro texto do dossiê é de Victória Alvarez, “Otro tipo de historias, no contadas todavía. testimonios de mujeres sobrevivientes en tiempos de impunidad en argentina”, preocupa-se em discutir o que se passou com as mulheres detidas pelo regime ditatorial argentino e o sofrimento produzido pela violência sexual a elas imposta. Práticas que por muito tempo, não foram motivo de investigação, pois eram consideradas especificidades. Entretanto, recentemente as sobreviventes passaram a dar seus testemunhos gerando condições para que a matéria da violência sexual, fosse pautada e pudessem ser compreendidas como parte de uma política de impunidade, que deve ser denunciado e reparado.

No segundo texto, temos o estudo de Olga Kempinska, “Os limites do monólogo interior e a khôra” elabora uma crítica sobre o monólogo interior, fundamentado em Jacques Derrida, em uma busca pela alteridade, pois “a khôra pode parecer um espaço vazio, mas não o é”. Chegando a conclusão de muitos dos personagens não mais “monologam”, passando a se confundir ou até mesmo a praguejar, descambando na blasfêmia.

O texto seguinte é de César Alessandro Sagrillo Figueiredo, “Os partidos comunistas no Brasil e a ditadura civil-militar brasileira: resistência, concepções políticas e estratégias de lutas”, destaca a atuação e as estratégias de luta dos partidos comunista (PC’s) diante das proibições e o arbítrio do regime civil-militar, que dificultou, em demasia, pôr em prática as concepções socialistas em virtude de uma intensa caça aos comunistas. Estudo comparado que analisa as ações do PCB e do Pcdob, diante da repressão.

O quarto texto, “A violência sexual operada como tortura durante a ditadura militar brasileira: testemunhos, memória e responsabilidade”, traz à baila novamente a questão da violência sexual. Desta vez, no cenário da ditadura civil-militar brasileira. O estudo de Bruno Rotta Almeida e Marina Mozzillo de Moura, observa a forte inserção da violência sexual nos testemunhos de sobreviventes da ditadura brasileira, o que auxilia a construção da memória das violações e responsabilização do Estado, por isso, eles fazem uma contextualização da violência sexual enquanto estratégia de tortura por meio dos relatos, e buscam compreender como se dão os mecanismos de esquecimento, em busca de compreender a construção de uma memória da violência sexual e responsabilização desses crimes.

Logo depois, vemos como a literatura, durante a ditadura brasileira, vai discutir algumas questões em torno da sexualidade. Raphael Bessa Ferreira, no estudo “Interditos do corpo, do prazer e da liberdade na Lavoura Arcaica”, quando encontramos reflexões sobre como encontramos no romance formas simbólicas da ação do poder ali instituído, responsável por produzir a exclusão e opressão sobre os corpos dos personagens, em especial, relativos à liberdade de expressão, por conta da ausência de espaço dialógico e reflexivo sobre os desejos do corpo. O que produz inúmeros dispositivos de opressão sensório-afetiva, relegando os corpos a proibição de viver experiências de libido e do prazer.

A sexta contribuição também será de cunho literário, se trata da análise “a literatura como registro do período ditatorial brasileiro no conto *Sobre a natureza do homem*, de Bernardo Kucinski”, de Elis Regina Guedes de Souza e Kaio César Pinheiro da Silva, que observam, sob a perspectiva do trauma, como a personagem Maria Imaculata, vive a sequência de ações traumáticas, produzidas pela ditadura civil-militar brasileira, e como tais eventos perpassam seu cotidiano ao ponto de serem

sentida também por seu filho de quatro anos, exemplo de como o trauma sequencial produz efeitos geracionais.

Saímos da literatura brasileira, para termos contato com a literatura portuguesa, Marisa Mourinha, nos apresenta o breve estudo “Lobo Antunes: a resistência pelo estilo”, quando se dedica a tecer considerações sobre o papel resistente do romancista português Antônio Lobo Antunes, em meio a escritura como estilo resistente no romance “As naus”. Em que na escrita encontramos sua forma de materializar seu projeto de resistência.

No oitavo texto, voltamos a realidade argentina, por meio de estudos sobre a escritora e pensadora Paula Fleisner. O centro da argumentação do texto de Susana Guerra, “Paula Fleisner: mulheres, escrita e resistência”, se constrói a partir da leitura da obra de Joanna Russ, busca compreender os modos como as mulheres, por meio da escrita, combatem diversas estratégias de ignorar, condenar ou menosprezar suas existências e suas ações.

Logo depois, Eduardo Pellejero, nos apresenta “Viver de pé: arte e resistência de Fernando Álvarez”, uma leitura filosófica a partir da vida e obra de um militante, desde a juventude, e que foi obrigado a se afastar da ação política durante a ditadura civil-militar argentina, mas encontrou no teatro e na literatura e no cinema, uma forma de canalizar seu desejo de resistência e luta. Na construção de sua arte, o pesquisador compreende que “todos aqueles que se aproximam das suas obras, a arte ganha um significado que ultrapassa o estético e o poético, abrindo-se ao existencial e ao político”.

O décimo texto do dossiê, abre um caminho teórico sobre a ação e o projeto intelectual, com o estudo “O pêndulo autocrático-democrático na sociologia de Florestan Fernandes”, em que Elson dos Santos Gomes Junior, observa que o projeto do Sociólogo encontramos uma reflexão sobre o ideal democrático, como ardil civilizatório, em especial, quando temos um forte extremismo civil-militar. De outro modo, temos a autocracia manifestada por conta da manutenção de ideais conservadores e reacionária, que afasta de si a possibilidade de produzir a inclusão social das populações menos favorecidas, diante do que ele nomeia de “exercício efetivo das conquistas da modernidade burguesa”.

Fecha o dossiê o ensaio “Transcontemporâneo: protoensaio sobre o início do século XXI”, de Augusto Sarmiento-Pantoja, que analisa aspectos relativo à concepção do tempo atual, como um tempo transcontemporâneo. O estudo pensa sobre como nomear o presente artístico, apresentando reflexões sobre o aprofundamento da guinada subjetiva na contemporaneidade. A própria correlação e ampliação das vozes e dos autores e agentes sociais são o sustentáculo para considerar o transcontemporâneo, o termo mais adequado para se categorizar a arte do século XXI. O crítico

analisa vários objetos artísticos, em especial, a obra da performe Berna Reale e da artista plástica Daiara Tukano, além de reflexões sobre a performance e a representatividade de mulheres e pessoas trans, como forma de resistir aos autoritarismos contemporâneos.

Na sessão de artigos livros encontramos o primeiro estudo: “O discurso cenográfico da Ópera”, realizado por Natália Cristina dos Santos Silva da Costa, Thiago Almeida Barros, Edgar Monteiro Chagas Junior, Paulo Jorge Martins Nunes, estuda a ópera “O Viajante das Lendas Amazônicas”, escrita por Paes Loureiro e musicada por Serguei Firsanov, e que relaciona três lendas do imaginário amazônico.

O segundo, “Negritude e contracolonialidade: retomada afrochilena Arica-Chile”, de Luiz Carlos Silva dos Santos Junior, que de forma memorial descreve as suas experiências com a negritude, dentro de uma abordagem contracolonial. Tal relato, se baseia em experiências etnográficas ocorridas na cidade de Arica-Chile e as associa a experiências autorais da cidade de Salvador-Brasil, lugar em que as práticas de matrizes africanas são bastante difundidas e territorializadas. O autor observa que essas práticas são apresentadas como forma de defesa, auxiliadoras de como devemos repensar as histórias e as contra histórias afrodescendentes de ambos os lugares.

16

A terceira análise ficou por conta de Cilene Trindade Rohr, com o estudo “A loucura como princípio criador? – uma leitura do conto *O anacoreta Serapião* de E.T.A Hoffmann”. Nele a autora discute a loucura e suas implicações para a recepção do conto de Hoffmann, quando temos a personagem Serapião convencido de que não deve tratada a loucura com violência. É preciso para isso, compreender os limites da imaginação, que perpassa a loucura, pois esses indivíduos acreditam em suas versões da vida. Em contrapartida, temos um narrador busca salvar o protagonista ao se autonear anacoreta Serapião e acaba por ser convencido diante da observância da do pensamento do personagem.

Ainda temos na sessão Resenha dois trabalhos: “O espaço-tempo dos sonhos na cosmologia Yanomami”, apresentado por Miguel Angel Angulo-Giraldo, que apresenta o livro “O desejo dos outros. Uma etnografia dos sonhos Yanomami” escrita pela antropóloga brasileira Hanna Limulja. A segunda resenha “Cuidade berraca, de Rodrigues Ramos”, apresentada por Mireya Alejandra Ramos, que apresenta a obra *Ciudad berraca* (2018), de Rodrigo Ramos. Um romance que trata sobre o movimento migratório de Jean Parrada Castillo e sua família.

Essa edição se encerra com o estudo sobre a fotografia no Chile, na sessão Margem das Artes, quando Augusto Sarmiento-Pantoja apresenta suas considerações em “Gesto testemunhal e resistência anarquívica na fotografia feminina chilena”. O estudo busca categorizar o conceito de gesto

testemunhal e o analisa em meio ao estudo da fotografia de mulheres publicada no segundo anuário fotográfico chileno, publicado pela Asociación de Fotógrafos Independientes (AFI), durante a ditadura civil-militar no Chile.